

CAPÍTULO I

A IMAGINAÇÃO E O ESPÍRITO: ENTENDIMENTO E SUBJETIVIDADE

A sociedade inglesa iluminista é o “cenário” onde o jovem David Hume começa a escrever suas obras filosóficas. Essa ilha, habitada por um povo formado por intensas lutas e incessantes guerras, é a primeira a perceber que a liberdade religiosa e de imprensa, assim como o direito de ir e vir, são as bases de uma sociedade que busca a prosperidade. Superado o sistema feudal e sua produção de crenças mantidas pelo clero, as cidades inglesas começaram a se destacar com um intenso comércio que movimentava capital, pessoas e informações. Em meio à tamanha troca de saberes foi possível também estabelecer uma certa mobilidade social, isto é, a divisão clássica (medieval) da sociedade em nobreza, clero e camponeses – os três estados abolidos, mesmo que parcialmente, pela Revolução Francesa em 1789 – já não apresentava tamanha rigidez na Inglaterra de então.

A diversidade de atividades davam alternativas para a elevação da condição sócio-econômica dos indivíduos. Havia uma intensa mobilidade entre as classes, propiciada pelas diversas atividades econômicas que geravam renda, sobretudo as ligadas ao comércio internacional. Os ingleses pertenciam a diversas

classes, desde os que viviam no excesso de riqueza aos pobres, incluindo os magnatas, etc.

*Os afortunados, que viviam como milionários;
Os ricos, que viviam na abundância,
Os da classe média, que viviam bem;
Os comerciantes, que viviam do seu trabalho, mas eram ambiciosos;
Os camponeses, fazendeiros que viviam com simplicidade;
Os pobres, que viviam em situações precárias;
Os miseráveis, que realmente passavam fome e sofriam diversas privações.¹*

Coexistiam nobres falidos economicamente, mas possuidores de títulos que acompanhavam seus pomposos nomes, com os “novos ricos”, como comerciantes ou magnatas² de fortuna com origem duvidosa. Esta segunda classe, a dos jovens que viviam do comércio, no geral, buscava legitimidade na compra de títulos e na conversão à religião protestante: “O comércio, que enriqueceu os cidadãos na Inglaterra, contribuiu para torná-los livres, e essa liberdade, por sua vez, aumentou o comércio”.³

A ascensão dos valores, idéias e hábitos entre esta segunda classe e a nobreza, e entre ela e o clero, foi possibilitada pelo crescimento do comércio. Esta transformação despertou o interesse daqueles que tinham títulos, mas não possuíam nem fortunas nem jóias. Voltaire compara a peculiaridade da ordem social inglesa à alemã. Segundo ele, para os alemães, não era possível a

¹ “*The great, who live profusely; The rich, who live plentifully; The middle sort, who live well; The working trades, who labour hard, but feel no want; The country people, farmers, etc. who fare indifferently; The poor, who fare hard; The miserable, that really pinch and suffer want.*” In: PORTER, Roy. **English Society in the Eighteenth Century**, p.53.

² Em inglês, *magnates*.

³ VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas**, p. 10.

movimentação e multiplicidade de profissões e ocupações naquela forma experimentada pelos ingleses.

Esse pequeno costume (...) parece monstruoso aos alemães apegadíssimos aos seus “redutos”; eles não conseguiriam imaginar que o filho de um par da Inglaterra fosse apenas um rico e poderoso burguês, ao passo que na Alemanha todos são príncipes; vimos tristes altezas cujo único bem era o orgulho e as armas.⁴

Além disto, superando os limites territoriais, o povo inglês buscou expandir seus mercados consumidores. Foram necessários homens com especialização e experiência em grandes navegações. Embarcações transportavam os comerciantes com amplos recursos, habilidade e coerência econômica e financeira. O apoio do governo também foi de grande relevância, responsável por tornar Londres centro financeiro do mundo. Tal sociedade possibilitou as mais inusitadas trocas entre produtos originários de todos os cantos do mundo, produzindo um imenso enriquecimento cultural.

O Iluminismo apresenta lá especificidades, em virtude das contingências sociais, políticas, econômicas e religiosas que regiam a vida dos ingleses. Diferente do *Aufklärung* da Alemanha, a Inglaterra não se contentava em exaltar a razão e elevá-la à condição suprema de faculdade da vida prática. O liberalismo econômico começou a se desenvolver com o crescimento e a expansão comercial. Com o aumento vertiginoso das cidades aproximaram-se homens que antes eram camponeses, isolados em suas regiões, de outros, tipicamente urbanos.

⁴ Idem, *ibidem*, p.74.

Esta intensa troca cultural e a liberdade de pensar possibilitaram diversas práticas religiosas e políticas. A liberdade, por exemplo, lá era tão diferenciada da vigente em outras nações européias que Hume escreveu artigos sobre este tema, sobretudo em seus ensaios⁵. O Iluminismo inglês é uma multiplicidade de movimentos num constante fluxo de informações onde não há mais lugar para a religiosidade dogmática. Não se trata mais de justificar ou contestar a existência de Deus. Trata-se de questionar como foi possível crer em suas próprias invenções.

Razão e paixão, ilusão e hábito passam a coexistir em um plano imanente: não há mais “dois mundos”. Não há porquê explicar a origem de Deus ou suas leis. O interesse prático inglês enfatiza muito mais o estudo das relações comerciais, a acumulação de capitais e aponta o surgimento do capital financeiro como quer Adam Smith. Mandeville e Hutcheson são pioneiros ao relacionar os conceitos e práticas, a moral, às paixões. A moral teria a intenção de manter hábitos, isto é: ações que sustentem os interesses individuais dos extratos dominantes da sociedade.

A filosofia política, sobretudo com Rousseau e Hobbes, investiga os limites da natureza humana e a necessidade de leis e contratos sociais que garantam interesses individuais (como a propriedade, por exemplo) de forma igualitária, através de um aparelho jurídico eficaz. Hume elabora suas obras e apresenta estudos políticos, econômicos e morais. Valoriza as ações humanas e o poder das paixões.

⁵ HUME, David. **Ensaio morais, políticos e literários** p. 95-815.

“*Nada se faz pela imaginação, tudo se faz na imaginação*”⁶ é a síntese do espírito na filosofia humeana. É a imaginação que permite ao espírito criar e até mesmo inventar conhecimento, ciências, além de elaborar projetos políticos e sistemas jurídicos. A imaginação pode ser fonte de transcendências, de Deus, do eu, da causa, e é esta que é necessária, segundo Hume, investigar. Hume ressalta que a imaginação é criadora de ficções e artifícios, de ciências e religiões. Os costumes fazem a vida, as ações e a sociedade obedecerem e serem determinados por regularidades internas das suas relações.

Como podemos elevar uma fabulação à categoria de verdade? Como podemos confundir meros hábitos e fazê-los ou entendê-los como sendo a própria realidade? É Bergson quem compreende que a inteligência, sob pressão da imaginação, exerce função fabuladora – sendo portanto origem das grandes invenções humanas. Do mesmo modo, Hume diz que o espírito é inventor e suas ficções se instauram, muitas vezes, como *verdades*. Desta forma, é humeano entender que as idéias dogmáticas demonstram que a natureza se compraz em acreditar em suas próprias invenções.

Os sujeitos são levados a crer, pelo hábito, que as relações humanas só podem ocorrer movidas por valores transcendentais:

*A pressão do instinto fez surgir, com efeito, no próprio seio da inteligência, essa forma de imaginação que é a função fabuladora. Basta esta deixar-se ir às soltas para fabricar (...), de modo primitivo, os deuses cada vez mais baixos como simples espíritos, ou mesmo forças que de sua origem só conservará uma propriedade*⁷.

⁶ DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**, p. 13.

⁷ BERGSON, Henri. **Dois fontes da moral e da religião**, p.136.

A imaginação será, portanto, a origem das grandes invenções humanas. Estas não passam de artifícios para, por exemplo, facilitar o convívio em sociedade. Ela insere o espírito no plano da invenção, da criação. Quando as ficções se instauram, passam a ser tomadas como “verdades”. Estas idéias dogmáticas demonstram a capacidade da natureza de acreditar em suas próprias invenções.

A filosofia tradicional quer a identidade, atribuindo ao homem a capacidade de conhecer. O empirismo não se apropria de qualquer transcendência, pois esses valores não passam de crenças que o *Tratado da Natureza Humana* pretende ultrapassar. Hume afirma que as idéias gerais ou abstratas não passam de ficções. As idéias gerais ou abstratas, por exemplo, implicam uma extensão e uma compreensão lógica totalmente afastada das diferenças, ou graus intrínsecos aos acontecimentos:

A mente é incapaz de formar qualquer noção de quantidade ou qualidade sem formar uma noção precisa de seus graus. (...) A idéia geral de uma linha, não obstante todas as nossas abstrações e depurações, aparecem na mente com um grau preciso de quantidade e qualidade.⁸

O empirismo, ao recusar as idéias gerais ou abstratas, busca novos conceitos, novos sentidos. Prioriza as relações, conexões e possibilidades de experiências, não pensando mais a partir de regras ou crenças já estabelecidas. É

⁸ HUME, David. **Tratado da natureza humana**, p.42.

preciso, pois, indagar sobre a legitimidade de uma idéia, de uma inferência, de uma demonstração:

Sob quais condições uma inferência é legítima? Esta questão só encontrará suas respostas com a criação dos grandes conceitos empiristas (associação, relação, hábito, probabilidade, convenção..).⁹

A causalidade é uma dessas idéias que pretendem subordinar as ações e o pensamento à regularidade constante. Não só a teoria da causa como, de modo mais ainda originário, qualquer idéia de ser ou substância instaura o espírito no regime das impressões que, desdobradas, tornam-se relações de idéias. Desta forma, as impressões são o ponto de partida mais vivo. As sensações são, portanto, menos embaraçosas que qualquer idéia por elas desdobradas.

O inatismo é inteiramente superado por Hume. O espírito não é povoado por idéias prévias, sendo a experiência o único meio pelo qual os saberes são construídos. Entende-se a experiência pelas impressões que podem causar prazer ou desprazer de acordo com a ação. Como manifestação das paixões, as impressões são livres de qualquer tentativa de adequação a “modelos” pré-estabelecidos. Elas são fortes, vivas, pintadas pelos sentidos com cores fortes. Elas constituem o primeiro momento do conhecer, do conectar-se com o novo, assim como com o que é familiar ou próximo.

Quanto menos tempo e espaço distanciam o espírito de uma impressão, maior é a intensidade com a qual ele a recorda. A transição da impressão para a

⁹ DELEUZE, Gilles *et al.* **O que é a filosofia?**, p. 72.

idéia na imaginação só é possível a partir destas noções. De qualquer outro modo, sem as impressões as idéias são transcendências, mesmo que para o empirismo, elas sejam impressões empalidecidas.

Das impressões, surgirão as idéias, cópias empalidecidas que vão, com o passar do tempo e com a distância da experiência que as geraram, perdendo sua vividez, seus sons, seus cheiros e cores: “Para Hume, trata-se de substituir uma psicologia do espírito por uma psicologia das afecções do espírito. A psicologia do espírito é impossível.”¹⁰

Hume não propõe, no *Tratado*, um estudo psicológico ou sociológico da natureza humana. Tal investigação seria impossível, pois não há um eu individual que possa ser estudado isoladamente. É preciso investigar o espírito nas relações, nas suas afecções. São as sensações que o atravessam, que o formam, que o constituem. Não há o espírito isolado das suas crenças, das suas paixões.

A natureza humana é delirante. A própria imaginação coleciona idéias e impressões e as transforma em arte, política, religiões, leis. Por isso, o espírito não pode ser reduzido a um mero experimento que médicos, psicólogos e fisiologistas descrevem e diagnosticam, chegando a conclusões a partir de ações e reações que se refletem por um grande número de vezes. O espírito afectado produz idéias, relações de exterioridade: “O encaminhamento de Hume é sempre

¹⁰ DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**, p.11.

o mesmo, indo da essência de uma idéia no espírito à presença de uma afecção do espírito.”¹¹

Na imaginação estão as idéias. É onde estas se associam, também como onde produzem outras idéias. Pela imaginação, a ficção é realidade, produzindo uma natureza humana imprevisível, inconstante.

“Traçar, inventar, criar, esta é a trindade filosófica”¹². Traçar planos infinitos que possibilitam a associação entre impressões e idéias, movidas por aspectos que as aproxima e as distancia. O conceito de mundo, carregado de elementos metafísicos, não passa de um conjunto de artifícios – as leis, as instituições e os valores morais. Não há um mundo separado desta rede de crenças que o constitui. Ao contrário: ele é formado pela relação e associação dos que nele habitam. O conceito que Hume aproxima ao conceito de mundo é o de unidade. A unidade existe apenas enquanto uma denominação fictícia, na medida em que infinitos elementos associados formam o mundo.¹³

A trindade filosófica acima citada a que se refere Gilles Deleuze e Félix Guattari¹⁴ corresponderia, em Hume, à trindade da imaginação. Ela também traça, inventa, cria. Traça planos infinitos em que homens e deuses, políticos e poderes, reis e reinos se relacionam. No entanto, a imaginação é subordinada aos mecanismos que restringem sua expressão, às relações não estruturadas. É a

¹¹ Idem, *ibidem*, p.21.

¹² DELEUZE, Gilles *et al.* **O que é a filosofia?** , p. 101.

¹³ No livro I do **Tratado da natureza humana**, Hume diferencia mundo de unidade.

¹⁴ DELEUZE, Gilles *et al.* **O que é a filosofia?** , p.101.

associação de impressões e idéias por meio da semelhança, contigüidade e de idéias entre si que vão transmutar a imaginação em entendimento:

Todas as impressões semelhantes se conectam entre si, e tão logo uma delas surge, as demais imediatamente as seguem. A tristeza e o desapontamento dão origem à raiva, a raiva à inveja, a inveja à malevolência, e a malevolência novamente à tristeza, até que o círculo se complete.¹⁵

Assim como a semelhança de paixões, como o orgulho e a vaidade, por exemplo, facilitam a conexão de idéias, a contigüidade no tempo e no espaço, facilitam também passar de um objeto/ idéia a outro com facilidade:

Os sentidos, ao passarem de um objeto a outro, precisam fazê-lo de modo regular, (...) a imaginação adquire, por um longo costume, o mesmo método de pensamento, e percorre as partes do espaço e do tempo ao conceber seus objetos (...). Para que possamos compreender toda a extensão dessas relações, devemos considerar que dois objetos estão conectados na imaginação (...), mas também quando entre eles encontra-se inserido um terceiro objeto, que mantém com ambos alguma dessas relações.¹⁶

A causalidade é para Hume uma ficção, na medida em que, segundo ele, causa e efeito são indiscerníveis. Portanto, não poderia haver uma causa primeira que seria seguida por uma infinidade de outras, que resultariam em efeitos determinados pela causa que a produziria e a tornaria previsível: "Nenhuma relação produz uma conexão mais forte na fantasia, e faz que uma idéia evoque

¹⁵ HUME, David. **Tratado da natureza humana**, p.317.

¹⁶ Idem, *ibidem*. p.35.

mais prontamente outra idéia, do que a relação de causa e efeito entre seus objetos.¹⁷

A associação por contiguidade, no espaço ou no tempo, é facilitada por esta proximidade. Por exemplo, uma lembrança de um acontecimento recente, ocorrido no mesmo dia e que tem implicações no presente é imediatamente associada. Em alguns casos, favorecendo a ilusória sensação de que a primeira é a causa e a segunda, o efeito da primeira.

A semelhança é que mais pode levar o sujeito a confundir-se, isto porque quando as idéias ou impressões apresentam características semelhantes, a tendência é misturá-las. A possibilidade de confundir palavras e idéias também existe. Enquanto a causalidade e a semelhança constroem os sentidos e diminuem as qualidades das idéias, mais semelhança aparece entre uma e a outra.

O associacionismo, entretanto, foi alvo de críticas relevantes, como a de Henri Bergson, em sua obra *Matéria e Memória*. Segundo ele o principal erro do associacionismo é um certo atomismo das idéias e impressões que, conectadas sob certas regras, resultariam em conhecimento. Ao invés de meros átomos de idéias e impressões, deve-se compreender a vida e o espírito pelos seus devires:” O erro constante do associacionismo é substituir essa continuidade do devir, que é

¹⁷ Idem, ibidem, p.35.

realidade viva, por uma multiplicidade descontínua de elementos inertes e justapostos.”¹⁸

A associação que Hume propõe em suas obras, todavia, não é um mero conceito da filosofia especulativa. Só é possível determinar algo, a partir das relações. Não se trata de “definições” para um sujeito que esteja contido nele *a priori* ou *em si*. Isto porque o espírito é uma coleção de idéias que estão em constante devir. Movimentam-se intensamente, conectando-se das mais diferentes maneiras. As associações não são meros acasos. Os princípios que as regem (contigüidade, causa e efeito, semelhança), além de facilitar a passagem de uma impressão ou idéia à outra, é o que torna as conexões possíveis.

O que diferencia o empirismo de Hume da definição clássica deste termo – isto é: de que só se pode conhecer através da experiência – é que a filosofia humeana não se limita à experiência. O espírito, atualizado como sujeito, ultrapassa a experiência, ultrapassa o dado. Hume investiga como foi possível ao espírito ultrapassar estas relações que lhe são exteriores:

*As relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem a intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires.*¹⁹

O sujeito é constituído por princípios. Estes princípios são tão somente relações reguladas por associações. A subjetividade é, assim, uma criação da

¹⁸ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**, p.157.

¹⁹ DELEUZE, Gilles *et al.* **Mil platôs** v.4, p. 42.

imaginação. O eu não passa de impressões e relações. O espírito, na condição de imaginação, delira livre das crenças, inclusive da crença do *eu*.

Os artifícios que o espírito cria, também são ora da imaginação, ora do entendimento. No *Tratado da Natureza Humana*, Hume afirma que o espírito é uma coleção de idéias e que ele só adquire a ilusão de possuir uma natureza humana, através de suas relações. A repetição, isto é, o hábito, reforça esta crença. A questão que é levantada é a seguinte: como poderia esta coleção de idéias, dividir-se em imaginação, com as paixões, sensações, e em religião e entendimento, com a moral e a memória? Somente pela idéia de “natureza humana” isto é possível.

Hume faz uma espécie de “inversão” ou mudança radical no conceito de entendimento, ao afirmar que este só é passível pela imaginação. Submete-se assim, o entendimento à imaginação. O entendimento torna-se mera ficção da imaginação que, se utilizando do entendimento, leva as impressões a serem idéias práticas. O entendimento, desta forma, está em relação direta com as paixões, operando como artifício do espírito para enfraquecer ou neutralizar uma paixão. As paixões encontram-se conectadas à sociabilidade: “Justamente, tornar sociável uma paixão, tornar social um interesse”²⁰.

A associação de idéias é o entendimento que, reproduzindo impressões, cria regras morais e sociais. As regras e as convenções só são possíveis quando as cópias das paixões da imaginação convertem-se em idéias do entendimento.

²⁰ HUME, David. *Tratado da natureza humana*, p.12.

Essas paixões perdem parte da sua intensidade, da sua vividez, e são definidas como dados inerentes ao próprio espírito. O espírito, por outro lado, tem na memória o depósito de idéias enfraquecidas pelo tempo, pela distância do momento em que tal fato ocorreu.

A imaginação, o espírito e as paixões associam-se de infinitas maneiras, criando explicações e definições para as inúmeras manifestações da natureza humana. A memória é guardadora das impressões, das paixões e dos sentimentos. A memória é o plano das idéias, não das impressões:

Quando refletimos sobre nossas sensações e impressões passadas, nosso pensamento é um reflexo fiel e copia seus objetos com veracidade, porém as cores que emprega são fracas e embaraçadas em comparação com aquelas que revestiam nossas percepções originais.²¹

A memória e as idéias estão estritamente relacionadas. As idéias são as impressões enfraquecidas, com menos vivacidade. Muitas se dispersam da imaginação, tamanho o devir de impressões em que está imerso o espírito. Algumas idéias abrigam-se, isto é, são guardadas na memória.

A lembrança ou idéia humeana, entretanto, só é possível pela afecção das paixões no espírito. Somente quando ele é envolvido, afectado por sentimentos fortes originados de impressões, é que dá-se a guarda pela memória:

²¹ HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**, p.35.

A faculdade pela qual repetimos nossas impressões da primeira maneira se chama MEMÓRIA, e a outra, IMAGINAÇÃO. É evidente (...) que as idéias da memória são muito mais vivas e fortes que as da imaginação.²²

A memória é também o plano em que o espírito, quando fixado como sujeito, guarda suas crenças. Ela é constituída pelos valores, normas e regras gerais instaurados, fixados em cores mais fracas do que as impressões. As lembranças aguardam que as impressões humanas as ativem. Quando ativadas, estas idéias (lembranças) reproduzem crenças que estavam inertes. A memória se submete à imaginação, pois não pode modificar suas idéias. Elas são o resultado de ações do espírito e, diferente dos contos de fadas, por exemplo, não podem ter seu final modificado, pois aconteceram. A imaginação é o plano da criação, da invenção. A memória é a instauração das impressões enfraquecidas.

A memória guarda as impressões empalidecidas. O entendimento é a associação de idéias. E qual é a sua função? O entendimento tem uma dupla função: ele é, ao mesmo tempo, uma ficção da imaginação e um artifício. Enquanto ficção, a capacidade de imaginar, de criar fábulas é que possibilita ao espírito ter a ilusão de que a natureza humana é dividida em entendimento e imaginação, e de que o pensamento racional é o regulador, o legislador dos sentimentos morais e do conhecimento.

Todavia, a razão e o entendimento não passam de invenções da imaginação. O entendimento é o movimento das paixões enfraquecidas. Elas perdem sua intensidade e vivacidade para que seja possível o convívio em

²² Idem. **Tratado da natureza humana**, p.32.

sociedade, submetendo o sujeito às normas estabelecidas. A natureza humana é movida por paixões e não por teorias racionais. São as paixões como a religião – pelo desejo de crer – que fazem com que o sujeito acredite e aceite dogmas sem o mínimo questionamento.

O entendimento, enquanto artifício, neutraliza as paixões. Torna o sujeito passivo diante da rede complexa de crenças que o cerca.

